

A FALÊNCIA DO TURISMO EM BRASÍLIA

DÍLSON RIBEIRO Especial para TRIBUNA DA IMPRENSA

Há poucos dias falei do turismo no Maranhão. Mostrei, com números e fatos, que é impraticável circular pelo Norte do País em viagem de recreio. Só milionário pode fazê-lo, pois a ganância e a falta de uma infra-estrutura desestimulam a prática do turismo dentro de nossas fronteiras. Agora, que se perdem os últimos sons do tamborim, vale a pena fazer uma análise do turismo em Brasília, que, além de capital da República, enfeita-se a cidade com a beleza de uma audaciosa arquitetura, muitíssimo *badalada* no mundo inteiro.

No organograma do governo do Distrito Federal, existe um tal de DETUR, cuja sigla traduzida, ao que me parece, denuncia a presença entre nós de um Departamento de Turismo, ou seja, um órgão encarregado de traçar a política de turismo para o Distrito Federal. Até aí não há novidades. O que importa é saber o que esse órgão faz, se a sua existência justifica as inúmeras verbas que lhe são destinadas. Não direi que os moradores de Brasília ignorem a presença do DETUR, já que ele, todos os anos, promove um concurso para eleição da rainha do carnaval e enfeita as ruas com papéis coloridos. Quanto ao Rei Momo, em se tratando de cargo mais ou menos vitalício, não se pode creditar ao DETUR as andanças do velho monarca pelos clubes da cidade, comandando a folia. O Rei Momo é uma tradição que veio para o Planalto com os primeiros foliões.

Como uma cidade não pode viver apenas de carnaval, vamos indagar se o DETUR se preocupa com outras coisas. Eu direi que não. Os chamados pontos turísticos de Brasília, exceto o Catetinho (casa de madeira, que serviu de abrigo a JK em suas primeiras noites no Planalto) estão abandonados. São eles: a Pedra Fundamental da cidade, próximo a Planaltina; a Ermida Dom Bosco; o Cruzeiro, onde foi celebrada a primeira missa; a Barragem do Paranoá, a Concha Acústica, junto ao lago; o Parque do Gama; a piscina de Água Mineral; a Barragem do Descoberto; o salto de Itaquira e outros locais de menor importância. Por incrível que pareça, esses pontos turísticos não merecem ser visitados, já que o turista, em alguns casos, arrisca-se até a um encontro desagradável com algumas das inúmeras cobras, que os espreitam. É possível que as cobras tenham atribuído a si a tarefa de vigiá-los, sem ônus para o DETUR, mas — convenhamos — tais vigias não merecem muita confiança. Citemos, por exemplo, o caso da Concha Acústica, que está a dois passos do Palácio da Alvorada e que é belíssima em sua arquitetura. Como entender-se o seu abandono, depois de tanto dinheiro gasto para construí-la e da importância que ela teria como atração turística? Quanto à Ermida Dom Bosco e à Pedra Fundamental, que ficam mais distantes, nem é bom falar. Acredito mesmo que muitos dos figurões escolhidos para comandar o turismo em Brasília ignorem a importância histórica desses dois monumentos. Ou ignoram o seu valor histórico, ou são ignorantes em matéria de turismo.

Não quero atribuir toda a culpa dessas deficiências ao DETUR. Seria uma injustiça. Quase todo o complexo administrativo do governo do Distrito Federal tem responsabilidade pela inexistência de uma política destinada ao turismo. Basta lembrar que nem mesmo o Departamento de Trânsito se preocupa em orientar os visitantes que buscam a cidade pelos caminhos rodoviários. Há carências de placas em condições de indicar ao motorista como locomover-se em um centro urbano completamente diferente do resto do País. Brasília é a maior Torre de Babel que eu já conheci, sendo quase impossível ao visitante descobrir qualquer endereço, sem ajuda de um cicerone que conheça muito bem a cidade. Mas nada disso parece preocupar às nossas autoridades.

Outro ponto pitoresco da cidade, em total abandono, é o setor habitacional do Lago Norte. Ali não existe luz, nem asfalto nas vias públicas. Não há esgotos, nem o menor saneamento para evitar que os mosquitos infernizem a vida dos seus moradores. O matagal nas proximidades das casas vem sendo destruído por incendiários, que tentam, a seu modo, afugentar os velhos habitantes do cerrado: — os ratos e as cobras. É possível que o governador Elmo Faria, preocupado com outros problemas, não tenha conhecimento desses fatos, pois só assim se explica a prioridade que vem dando a obras menos urgentes e algumas delas dispensáveis, como é o caso do caríssimo viaduto ligando as duas avenidas W-3: sul e norte.

Com esse quadro é fácil ver a validade da minha tese em torno da política do turismo. Creio que já é tempo de chamar às falas os homens que manipulam as verbas para fazer com que o Brasil seja um País de interesse turístico. Pois como estamos, ao invés de captarmos dólares com o turismo apenas nos damos ao luxo de jogar dinheiro fora, ou melhor, contribuímos para enriquecer os manipuladores dessas verbas, tal como se vê com os incentivos fiscais. Temos que sair do ciclo do carnaval, pois não se entende que os departamentos de turismo existam apenasmente (como diria o cel. Odorico) para eleger rainhas, ou patrocinar concursos ao som dos atabaques.

P. S.: Estou escrevendo este artigo, ao tempo em que os mosquitos (pernilongos) me bombardeiam impiedosamente. Tem sentido sr. Governador Elmo Faria, que a Capital da República seja o paraíso dos insetos?